



3814 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

Currículo e Sexualidade em narrativas de professores

Maria Goretti Ramos de Almeida - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Rosane Meire Vieira de Jesus - UNEF - Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana

Resumo

Este texto apresenta os resultados parciais de uma pesquisa que pretende responder ao seguinte problema: de que forma os professores de um colégio estadual agenciam subjetividades nas negociações curriculares diante de performatividades que envolvem corpo, gênero e sexualidade? A pesquisa se aproxima da construção teórico-filosófica das categorias de gênero, corpo e sexo de Judith Butler (2017) e dialoga com as escrituras sobre currículo e formação de professores na perspectiva pós-estruturalista.

Palavras-chave: Currículo. Sexualidade. Performatividade.

CURRÍCULO E SEXUALIDADE EM NARRATIVAS DE PROFESSORES

Resumo

Este texto apresenta os resultados parciais de uma pesquisa que pretende responder ao seguinte problema: de que forma os professores de um colégio estadual agenciam subjetividades nas negociações curriculares diante de performatividades que envolvem corpo, gênero e sexualidade? A pesquisa se aproxima da construção teórico-filosófica das categorias de gênero, corpo e sexo de Judith Butler (2017) e dialoga com as escrituras sobre currículo e formação de professores na perspectiva pós-estruturalista.

Palavras-chave: Currículo. Sexualidade. Performatividade.

1. Introdução

Este texto apresenta os resultados parciais da pesquisa "Currículo, formação de professores em exercício e sexualidade" que pretende responder ao seguinte problema: de que forma os professores de um colégio estadual agenciam subjetividades nas negociações curriculares diante de performatividades que envolvem corpo, gênero e sexualidade? A proposta da pesquisa é problematizar professoralidades que solicitam políticas curriculares heteronormativas na produção de subjetividades na escola, hierarquizando e homogeneizando as experiências de masculinidade e feminilidade das pessoas do cotidiano escolar, estudantes, professores, gestores e funcionários da escola. São os objetivos da pesquisa: 1) compreender como os professores de um colégio estadual negociam suas subjetividades com as políticas curriculares diante de performatividade corpo, gênero e sexualidade; 2) interpretar as professoralidades que marcam as construções discursivas sobre o corpo, sexo e gênero que emergem nas suas narrativas; 3) compreender como a perspectiva da diferença derridiana e da performatividade bluteriana deslocam as políticas curriculares; 4) interpretar o currículo como espaço formativo docente com base na narrativa das experiências dos professores; 5) compreender como as relações de poder/saber tecem e legitimam as experiências de corpo, gênero e sexualidade.

Para problematizar a hegemonia do pensamento heteronormativo no currículo escolar, a pesquisa se aproxima da construção teórico-filosófica das categorias de gênero, corpo e sexo de Judith Butler (2017) e dialoga com as escrituras sobre currículo e formação de professores na perspectiva pós-estruturalista de Elizabeth Macedo (2017).

Na tentativa de se afastar da transcendência como elemento da razão em busca de verificação da verdade e de construções de metanarrativas que forjam um modelo emancipatório do ser, a pesquisa encontra-se encarnada, atravessada pelo lócus da pesquisa, espaço-tempo que toma a linguagem, as experiências e a historicidade como elementos constituintes da pesquisa. A partir de uma amostra aleatória, oito professores interessados em participar da pesquisa estão nos grupos de experiência, que são os cenários desta pesquisa, do qual se analisará os textos produzidos nos três grupos e, em decorrência deles, os diários dos professores. O grupo de experiência é um espaço de coleta de informações a partir das narrativas das experiências vivenciadas pelos professores, no cotidiano escolar. É uma técnica de pesquisa que valoriza marcar a interconexão entre escola, currículo e conhecimento como espaço de negociação das narrativas da experiências curriculares docentes. Nessa trama do cotidiano escolar é importante voltar-se para os agenciamentos das subjetividades dos professores, complexificando sua posição puramente normativa.

O grupo de experiência parte do cotidiano escolar, um espaço-tempo no qual as práticas pedagógicas, o currículo e a formação de professores se entrelaçam, ressoando um sobre o outro, significados na experiência e produzindo dessa tessitura, novos saberes, outras ações curriculares, abrindo rotas para outras experiências. As narrativas fecundam outras experiências, desfazendo e refazendo caminhos, fazem surgir o novo – tudo que não está ao alcance da norma.

Nesse cenário de pesquisa, o intuito é a emergência de “a-com-teceres” (JESUS, 2012), que rasurem compreensões normativas de performatividades relacionadas a corpo, gênero e sexualidade nas suas práticas curriculares. O relatar-se de si é uma atividade densa de reconhecimento do outro a partir das narrativas de experiências dos professores, em que parte do currículo como um espaço-tempo cultural, político e de formação para pensar sobre currículo/formação como elementos da cultura escolar que se formam e se informam incessantemente. (MACEDO, 2018)

Na itinerância dessa pesquisa, que iniciou há um ano, para este texto, apresentar-se-á uma iniciática análise hermenêutica de algumas narrativas das experiências docentes sobre o Projeto interdisciplinar “Sexualidade – tecendo histórias”, que aconteceu em 2016, envolvendo os alunos do Ensino Médio, professores da Área das Ciências Humanas, gestão e coordenação pedagógica do colégio. O projeto contou também com a parceria de uma universidade pública, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/MEC). Essas narrativas de professores não são identificadas, entendendo como um mais texto polifônico, produzido no cenário de pesquisa.

2.Desenvolvimento

O projeto surge em 2016 em meio a um cenário nacional marcado por vários episódios de intolerância e violência, envolvendo mulheres e os movimentos LGBTQI+. As informações sobre esses casos centralizavam as rodas de conversas nas salas de aulas, nos corredores da escola. Simultaneamente, outro contexto desvelava-se na escola: o número de adolescentes grávidas. Essa situação tensionou ainda mais a discussão entre os professores sobre questões envolvendo sexualidade: intolerância, discriminação, homofobia, gravidez na adolescência, métodos contraceptivos e planejamento familiar. Os professores se questionaram sobre a função do currículo e da escola e construíram o projeto interdisciplinar. “Qual era a função da escola? Como a escola poderia desenvolver ações para combater a violência contra a mulher e a homofobia? Poderia a escola trabalhar a “educação sexual” com o objetivo de conscientizar os estudantes sobre gravidez na adolescência e IST’s (Infecções Sexualmente Transmissíveis)?”, relato de uma professora.

Como sugere a docente, o projeto perpassou pelo papel funcionalista e emancipatório da escola. Nessa direção, acredita-se que o estudante, ao ter acesso ao conhecimento e oportunidade, promoverá uma sociedade mais justa que supere as desigualdades. Desse modo, ambição docente era transformar o contexto através da “educação” sexual e enfrentamento da homofobia, violência e intolerância. Esse caminho cristaliza identidades, atribui papéis a estudantes e professores, potencializa verdades absolutas, a crença na objetividade, racionalidade e totalidade.

O currículo agenciado potencializou o binarismo homossexualidade/heterossexualidade, a ideia de diversidade. O currículo da diferença como espaço-tempo de negociação (MACEDO, 2006) não foi acionado, prevalecendo uma perspectiva crítica, da qual esta pesquisa se distancia para se relocar no veio pós-estruturalista, caracterizado pela problematização e contingência.

O projeto “Sexualidade - tecendo histórias” dividiu-se em rodas de conversa e quatro oficinas, com o material didático de apoio a coleção do Ministério da Saúde em parceria com o MEC. (BRASIL, 2018). Após as discussões entre os professores, o projeto foi apresentado aos estudantes. “Alguns alunos concordaram com o projeto, argumentando que, em casa, não tinham liberdade para conversar com os pais. Bem como houve estudantes que se posicionaram contrários ao projeto porque a escola deveria ensinar ‘conteúdo’ e que educação sexual é função da família”, relato de uma professora.

Outras narrativas desvelaram o posicionamento dos docentes: “Um casal normal homem e mulher ninguém estranha”. Compreende-se a partir dos relatos, um posicionamento normativo e heterossexual que confere legitimidade a um modelo de família forjado pela sexualidade. Um enquadramento monogâmico, hétero e disciplinador.

Uma professora narrou que a oficina “O que é sexualidade” propôs que os alunos recortassem de revistas palavras e imagens que retratassem o que eles significavam sobre sexualidade. Os recortes foram colados em um painel. Em seguida, professores e alunos refletiram sobre os textos escolhidos. Alguns textos descortinavam uma perspectiva naturalista e reprodutiva ao trazerem os aparelhos reprodutores masculino e feminino e mulheres grávidas. As imagens de camisinha e de panfleto sobre IST’s (Infecções Sexualmente Transmissíveis) evidenciam uma perspectiva higienizada sobre sexo. As imagens escolhidas foram significadas dentro de um universo da heteronormatividade.

O bom sexo sustentado pela felicidade, prazer e desejo, como descreve Foucault (2017), estava também presente nas escolhas de outras falas dos estudantes: “sexualidade é liberdade de escolher com quem se quer transar”; “sexualidade é a mulher se vestir como quiser” e é tudo que dá prazer”; “é amor”, “alegria”; “é gozar”; “é relaxar”; “é fazer amor”; “é gostar de si mesmo”. Essas falas rasuram o projeto de sexualidade normativo eleito pelo currículo e escapam do controle e do planejado. Não seriam essas experiências que burlam a lógica disciplinadora da escola e criam espaços de negociação em que o contraditório abre lugares de luta e objetivos híbridos? (BHABHA, 2013, p. 56)

A pesquisa se aproxima da construção teórico-filosófica das categorias de gênero, corpo e sexo de Judith Butler (2017), porque discute a sexualidade de forma mais fluida ao questionar o binarismo homem/mulher, homossexualidade/heterossexualidade. Para além disso, abre-se a possibilidade para pensar uma sexualidade subversiva. A autora compreende que gênero, sexo e corpo são construtos culturais significados na linguagem, desconstruindo o discurso científico sobre essas categorias.

3.Conclusão

A escola pode problematizar o que se ensina sobre sexualidade, gênero e corpo. Para isso, os questionamentos devem se voltar também para o que se sabe. Assumir esse posicionamento exige abandonar a paixão à ignorância para um debate mais problematizador, amplo, complexo e franco sobre sexualidade que ultrapasse o moralismo e o discurso naturalizante. O abandono pela paixão à ignorância começaria questionando: pode o sexo ser educado e pode a educação ser sexuada? (BRISTMAN, 2000) O que os professores sabem das experiências sexuais que rasuram a heteronormatividade? O que os professores sabem sobre seus estudantes gays, lésbicas, transexuais, intersexuais?

Durante essa primeira aproximação com os sujeitos da pesquisa, as interrogações evidenciam o estado de exposição, atravessamento e perturbação, causados pelas narrativas enunciadas. “A participação efetiva de estudantes gays e lésbicas nas oficinas impressionava a nós, professores, porque, em sua maioria, eram alunos que não participavam de outras atividades durante as aulas, além de terem um número considerável de faltas, embora estivessem na escola, uma vez que permaneciam a maior parte do tempo no pátio”, relato de uma professora.

Quais os traços relacionais desvelados nessa interação do eu com o outro – o outro lugar de fala? Como não pensar na precariedade e na

existência da vida a partir de autorizações nos locais que se convive? Essas questões irão direcionar os outros grupos de experiência.

Nesse sentido, o gay, a lésbica, o/a transexual e o bissexual estão nos corredores; as alunas grávidas estão no pátio. São essas experiências, as “tantas-coisas”, que não são entendidas como currículo, mas que estão ali na fronteira, reivindicando percepção, legitimação. Segundo Bhabha (2013), a fronteira emerge de um desejo de reconhecimento de um outro lugar, de um movimento que o autor chama de re-locação - fazer migrar, criar e ocupar novos espaços por outras subjetividades que subvertem a ordenação, a polarização.

O currículo que moraliza, normatiza e higieniza está a todo o momento sendo desestabilizado, fazendo surgir o novo que foge ao controle da prescrição e da norma, mas que são invisíveis no sistema simbólico. (MACEDO; RANNIERY, 2017) Caracterizar o currículo como espaço de negociação implica, em primeiro lugar, compreender como a trama tecida pelas relações de poder impede que essas tantas-coisas virem currículo. Dessa trama, fazem parte os discursos pedagógicos sobre sexualidade, gênero e corpo e as suas ações curriculares.

Nesse sentido essa pesquisa se afasta da discussão sobre sexualidade sob a perspectiva da diversidade, que remete a uma disposição de pensar a diferença como algo que potencializa uma moldura referencial onde se efetua uma autorização de espaços em que é “preciso” reconhecer e respeitar os “diferentes” para que possam existir naquele ambiente. (BHABHA, 2013, p.182) Portanto, pode-se dizer que a dicotomia, centro margem se perpetua no que é significado na escola. A diferença em si é por consequência excluída e, sob a falsa aparência do “respeito à diversidade”, prevalecem autorizações, sujeições.

Referências

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BIBLIOTECA VIRTUAL MINISTÉRIO DA SAÚDE. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf>. Acesso em: 03 de maio de 2018.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. 13ª ed. Rio de Janeiro, 2017.

DERRIDA, Jacques. **A Escritura e a Diferença**. 4ª ed. Perspectiva. São Paulo, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. 6ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo. Paz e Terra, 2017.

JESUS, Rosane Meire Vieira de. **Comunicação da experiência fílmica e experiência pedagógica da comunicação**. Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2012.

MACEDO, Elizabeth. **Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural**. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação, 2006a.v.11, n.32, maio/ago. 2006, p.285-294.

_____. **Currículo: política, cultura e poder**. Rio de Janeiro: Currículo sem Fronteiras, 2006b. v.6, n.2, p. 98-113, jul./dez. 2006. Disponível em: . Acesso em: 10/05/2018.

MACEDO, Elizabeth; RANNIERY, Thiago **Currículo, sexualidade e ação docente**. 1ª ed. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2017.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A teoria etnoconstitutiva de currículo e a pesquisa curricular**: configurações epistemológicas, metodológicas e heurísticoformativas. Revista e-Curriculum, São Paulo, v.16, n.1, p.190 -212 jan./mar.2018. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>>. Acesso em: 24/06/2018.